

A AMAZÔNIA REVISITADA. DE MANAUS A BELÉM E MACAPÁ, COM INTERLÚDIO NO SUDOESTE DO PARÁ**Antônio Roberto ESTEVES***

Resumo: Entre abril e maio de 2008, o jornalista espanhol Bernardo Gutiérrez realizou, por barco, uma viagem de Manaus a Belém, com escalas em várias cidades do baixo Amazonas. O relato da viagem constitui *Calle Amazonas: de Manaos a Belém por el Brasil olvidado*, publicado na Espanha, em 2010. O presente trabalho mostra como Gutiérrez entrelaça em seu livro o relato de três viagens. A primeira é o deslocamento pelo emaranhado de cursos de água, descrevendo os lugares visitados. A esta viagem articula-se um recorrido pela narrativa de outros viajantes, uma biblioteca que constitui a memória cultural da região. A terceira seria a aventura da escrita. Valendo-se da experiência do percurso realizado e das leituras sobre o tema, o jornalista constrói, no limiar entre história e ficção, realidade e fantasia, elementos concernentes à Amazônia desde seu descobrimento, o relato que constitui seu livro.

Palavras-chave: Narrativa de viagem. Amazônia. Bernardo Gutiérrez.

THE AMAZON REVISITED: FROM MANAUS TO BELEM AND MACAPA, WITH AN INTERLUDE IN SOUTHWEST PARA

Abstract: From April to May 2008, the Spanish journalist, Bernardo Gutierrez, sailed from Manaus to Belem in Brazil with stops in several cities along the lower section of the Amazon River. The story of the trip is told in *Calle Amazonas: de Manaos a Belem por el Brasil Olvidado* published in Spain in 2010. This paper shows how Gutierrez manages to intertwine three travel stories in his book. The first one reports the voyage through a network of waterways with descriptions of the places he visited. Linked to this first journey, the second one brings stories previously narrated by other travelers; a record composed of the regional cultural memory. The third trip delves into the adventure of writing itself. From his personal experiences on the expeditions and further readings about the subject, the journalist created – on the threshold between history and fiction, reality and fantasy – common elements, concerning the Amazon Forest since the time of its discovery and the accounts which make up this book.

* Professor Livre-Docente – Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP- Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2.100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: aesteves26@uol.com.br

Keywords: Travel literature. The Amazon Forest. Bernardo Gutierrez.

1 A viagem

“O quê estou fazendo em Manaus [...]?”¹, pergunta-se o jornalista-viajante, na calorosa cidade, isolada por via terrestre do resto do Brasil. Tem início, então, a viagem pela capital do Estado do Amazonas, ante a constatação e ao mesmo tempo perplexidade de que ali o tempo tem seu ritmo próprio. “Não falha: o clima amazônico costuma apresentar a pontualidade de um relógio suíço” (GUTIÉRREZ, 2010, p.21). E assim, entre lugares comuns, avança a narrativa da viagem que começa em Manaus, a princípios de abril e terminará em meados de maio de 2008, em Belém do Pará, a milhares de quilômetros rio abaixo.

A caótica, extensa e imprevisível cidade de Manaus, uma espécie de novo El Dorado, é percorrida em várias direções. Como costuma acontecer, a visitação começa pelo porto, com seus trapiches flutuantes habitados por um constante ajuntamento de pessoas, barcos e mercadorias de todas as procedências e se alarga pelas antigas ruas do centro que guardam vestígios da época áurea da borracha. A borracha é o fantasma que paira sobre a viagem, irrompendo de modo constante na narrativa.

O jornalista-viajante, olhos bem abertos, câmara em riste, circula pela cidade tentando entendê-la em suas contradições. Hospeda-se no centro, perto da Praça São Sebastião, onde se ergue o monumental Teatro Amazonas. Ali, seguindo o exemplo de tantos visitantes ao longo de mais de um século de existência da famosa casa de espetáculos, assiste a um musical. Nessa noite, Roger Waters, um dos fundadores de Pink Floyd, apresenta sua ópera *Ça Ira*, em tom tão grandiloquente quanto as muitas apresentações da belle époque.²

A agenda é apertada e o jornalista lança-se à rua no que ele chama de operação “como-conhecer-a-Manaus-contemporânea-sem-ser-enganado-pela-lenda” (GUTIÉRREZ, 2010, p.34). Não ser envolvido pelas brumas da lenda que costumam cobrir a região, parece ser o objetivo central do viajante espanhol. Visita autoridades, acampamentos de indígenas, líderes ecologistas, pesquisadores do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), empresas da Zona Franca. Sobretudo, conversa com gente na rua. Ele tenta agarrar com força qualquer informação que lhe permita captar a realidade.

Como já dizia Walter Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”³. Um dos objetivos do narrador deste relato é contar suas experiências: ou melhor, intercambiar experiências. E se “quem viaja tem muito que contar” (BENJAMIN, 1985, p.198), o nosso narrador, o jornalista-viajante espanhol, uma espécie de fusão dos dois narradores arcaicos definidos por Benjamin, o viajante que sai

pelo mundo em busca de aventuras, para poder contá-las depois, tem que buscar em outro narrador, o sedentário e imerso em sua realidade que conta sua experiência ao outro que ali passa para ouvir seu relato e logo levá-lo adiante. Nisso reside a estrutura básica do relato que o leitor tem diante dos olhos.

Os dez dias em Manaus voam, mas a ânsia do viajante de ver-se livre da ininteligível cidade é mais forte. “Penetrar na Amazônia continua sendo perigoso [...]”. O viajante repete as palavras de Ricardo Lessa⁴ ao deixar Manaus para trás, não sem certo alívio. Observa o horizonte, mistura caótica do desconsolo urbano e da paisagem natural, desde a cobertura do Pepe Maués, que o leva rio abaixo, rumo a Maués.

Entender é um dos lemas do livro de Gutiérrez, como bom europeu que é. Inicialmente, tenta captar os objetos, paisagens, pessoas que têm diante de si. Depois busca um sentido para essa realidade, tentando explicá-la por meio de um discurso dirigido a um interlocutor ideal, no caso um possível leitor espanhol médio. Nesse processo, tentará dar sentido ao que vê e muitas vezes não entende. A perplexidade diante dessa realidade estranha, apesar de conhecida por notícias transmitidas por outrem, será um dos núcleos e o móbil principal que o levou a transformar em relato a experiência da viagem. Pode-se até mesmo dizer que, por sua profissão, a viagem foi planejada para ser um relato. Por enquanto, fixemo-nos na descrição da paisagem e das impressões do eu-narrador diante dela. O desejo de fuga de Manaus, nesse sentido, é significativo.

O interlúdio em Maués, a terra do guaraná, tem dois objetivos. Não apenas visitar plantações da *Paullinia cupana*, o guaraná, definido de modo exagerado pelo viajante como o novo objeto de desejo do ocidente (GUTIÉRREZ, 2010, p.48), mas, sobretudo, penetrar no “coração indígena”, desejo evidente de qualquer viajante estrangeiro. O itinerário entre Manaus e o povoado indígena de Vila Nova II, às margens do rio Maraú, na reserva indígena Andirá–Maraú, via Maués, através da labiríntica rede de vias aquáticas que entrelaça rios, lagos, furos, igarapés e igapós, está recheado de reflexões e digressões sobre a situação dos povos indígenas na região.

O viajante, que parece cultivar uma imagem idealizada da vida indígena na Amazônia, descreve as comemorações aculturadas do Dia do Índio, que assiste no povoado, carregando nas tintas ao relatar a presença da cultura branca nessa povoação sateré-mawé, com alto grau de globalização. A descrição da partida de futebol que encerra o torneio entre as equipes das várias aldeias da reserva ou do espetáculo em que nativos se fantasiam de indígenas para comemorar a data são exemplo disso.

A etapa seguinte, já no Estado do Pará, desviando-se do curso do Amazonas e subindo o rio Trombetas, é a busca de vestígios da cultura africana, por meio dos remanescentes dos quilombos no vale daquele rio. Resulta curioso, tanto para o viajante, quanto para o leitor médio, que na região amazônica não se registre apenas a forte

presença do indígena, “o-inocente-antes-da-corrupção” (GUTIÉRREZ, 2010, p.94). A constatação de uma significativa marca africana no vale do rio Trombetas direciona o relato dessa parte da viagem. Uma vez mais, a narrativa se organiza alternando relatos da história local, que tratam da introdução de escravos africanos no baixo Amazonas e de sua fuga durante boa parte do século XIX para constituir comunidades quilombolas no alto Trombetas, a salvo de seus perseguidores, e o percurso do viajante.

Sempre em gaiolas, os tradicionais barcos amazônicos, entre Maués, no Amazonas, e Oriximiná, já no Pará, pelos labirintos de cursos d’água que constituem as ilhas Tupinambaranas, o itinerário se faz via Parintins. Essa cidade amazônica (e amazonense), que ficou famosa no calendário cultural e turístico pelas festividades do Boi-Bumbá, variante amazônica do Bumba Meu Boi maranhense, merece algumas páginas do relato, uma vez que o viajante ali chega durante o período de preparação dos desfiles, com ensaios dos grupos dos “bois” Garantido, que usa o vermelho, e Caprichoso, que usa o azul.

De Oriximiná, Trombetas acima, em uma lancha rápida, guiado por um representante da Associação de Quilombolas do Município, o viajante passa por diversas comunidades de origem africana, até aportar em Varre Vento, onde presencia uma negociação entre líderes locais e representantes de uma empresa interessada em comprar madeiras nobres da comunidade. Bem no estilo “defesa do local”, o acordo não ocorre ante a negativa da comunidade em aceitar os termos da madeireira.

O passo seguinte é Santarém, com uma parada na antiga e bucólica Óbidos, cidade colonial “com seus sobrados portugueses, elegantes casas de dois andares, emblema dos colonizadores, embolorados, carcomidos pela umidade da floresta” (GUTIÉRREZ, 2010, p.126), localizada no ponto mais estreito do rio Amazonas. Curiosamente, o barco que o leva a Santarém traz o nome de Viageiro. E assim, num amanhecer, com um resplendor dourado ao fundo, o viajante adentra no porto de Santarém. Ressaltar o elemento visual, reproduzindo uma paisagem de cartão postal, é importante na economia do relato. “Santarém surge da noite, com um longínquo resplendor alaranjado.” (GUTIÉRREZ, 2010, p.131). Esse procedimento se repete ao longo do livro.

Santarém, a segunda maior cidade do Pará, está localizada na embocadura do Tapajós e também às margens da BR 163, a famosa Cuiabá-Santarém, acunhada pelo jornalista como “Rodovia do inferno”. É a conexão por estrada que faz desembarcar no cais da Cargill, no porto de Santarém, a soja que vem do Mato Grosso. Também é a principal ponta do “iceberg do desmatamento” (GUTIÉRREZ, 2010, p.134). E neste ponto o jornalista-viajante se transforma em ecologista e elenca dados da destruição da floresta amazônica e da abertura de estradas na região. São, de acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMA ZON), por ele arrolados, quase cem mil quilômetros de estradas

não legalizadas e 28% da superfície da Amazônia brasileira desmatada (1,3 milhões de quilômetros quadrados) (GUTIÉRREZ, 2010, p.134).

Além de representar a ponta de lança do desmatamento e da integração à economia globalizada; seja por seu porto exportador de soja, principal riqueza do agronegócio ameaçador; seja por sua rodovia; Santarém também representa uma interessante amostra dos conflitos sociais decorrentes desse modelo econômico que vem sendo implantado a passos rápidos, o qual o jornalista denuncia com veemência. O jornalista-viajante, pertencente a uma nova categoria de europeu viajante, trata de interpretar a realidade pela qual circula e seu olhar, como não poderia deixar de ser, se pretende superior e crítico⁵.

No relato, Santarém representa um hiato no qual o narrador-viajante interrompe a narração de uma viagem, para nela inserir o relato de outra, realizada três anos antes. Na ocasião, ele acompanhou durante uma semana uma equipe do Ministério do Trabalho a fazendas do sudoeste do Pará, com missão de libertar vítimas de trabalho escravo. Foram centenas de quilômetros, pela Transamazônica, entre Marabá e Pacajá e Marabá e São Félix do Xingu, por estradas empoeiradas e esburacadas, a maior parte das quais não consta dos mapas oficiais.

Desse modo, entram no relato, não apenas histórias de trabalho escravo nas fazendas da região mais violenta do país, mas também histórias da mineração. Muitos – daquela horda de aventureiros que ali buscou fortuna no auge do ouro de Serra Pelada, nos anos oitenta, quando, exaurido o metal, o garimpo foi fechado –, ficaram na região. Surgiu, então, um cinturão de miséria e conflitos nas cidades próximas, em especial Marabá. O quadro descrito não poderia ser mais desolador.

Em Santarém, um dos objetivos do jornalista-viajante, no jogo entre o presente e o passado, é entrevistar líderes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, para denunciar a penúria dos camponeses expulsos de suas terras pelo agronegócio. Na sede da Cargill ninguém o recebe. O outro objetivo, em direção ao passado, mirando o fantasma amazônico da borracha, sob as névoas da lenda, é visitar as “cidades perdidas da borracha”. Trata-se de Fordlândia e Belterra, vestígios dos projetos malogrados de Henry Ford, nos anos trinta e quarenta do século passado, quando o magnata da indústria automobilística, com a visão obnubilada pelos milagres da técnica, pretendeu cultivar seringueiras numa grande extensão de terra às margens do Tapajós e foi derrotado pela soberba e pelo desconhecimento da região. As ruínas daquelas cidades construídas no meio da selva, seguindo o modelo de vilas norte-americanas, ainda estão de pé, como que alertando o visitante para as consequências de querer dominar a floresta equatorial sem conhecê-la.

O ponto de partida para essas cidades é Alter do Chão, a poucos quilômetros de Santarém, Tapajós abaixo, uma espécie de micro paraíso tropical cuidadosamente mantido

por militantes ecológicos e defensores do turismo sustentável como alternativa viável para a região amazônica.

A viagem se aproxima de seu final: terminará na desembocadura do rio Amazonas. Depois de percorrer milhares de quilômetros (6.868, de acordo com a última medição, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geostatística, em 2007), o rio finalmente chega ao seu destino, o Oceano Atlântico. O viajante, que o seguiu em seu último trecho, visita as duas capitais brasileiras situadas em sua foz. Macapá, capital do Estado do Amapá, levanta-se ao lado norte do estuário, à margem do canal principal. Já Belém, capital do Estado do Pará, tradicional porta de entrada para a região, está localizada na margem sul do canal sul, também chamado de Rio Pará.

O Amapá faz fronteira com um território ultramarino francês, a Guiana Francesa, objeto de desejo de muitos brasileiros que têm a fantasia de receber seus minguados salários em euros. Em sua fronteira norte está o rio Oiapoque que, durante muitos anos, foi considerado o ponto mais setentrional do país. Macapá localiza-se sob a linha do Equador, que, de modo geral, é seguida pelo curso do rio, sem grandes desvios. Uma visita à cidade pressupõe uma excursão obrigatória ao estádio de futebol Zerão, construído de forma que o campo esteja dividido exatamente pela linha imaginária do Equador. Assim, o trânsito norte-sul, ampliando as relações Brasil Europa, Amapá-Guiana Francesa, podem se resolver no transitar dos jogadores pelos dois hemisférios, durante a partida.

Belém do Pará, a primeira cidade fundada na região amazônica, onde o jornalista viveu durante oito anos, está longe do local onde as águas do rio-mar caem no oceano Atlântico, a tradicional pororoca. Esse fenômeno ocorre mais além, depois da ilha de Marajó, a imensa ilha que, de alguma forma, impede o choque direto das águas do Amazonas com o oceano, que recebe as águas do rio em um abraço de muitos tentáculos.

A cidade é uma espécie de atalaia que guardou a entrada da região durante séculos, num período em que o único acesso se fazia por via aquática. No entanto, também essa cidade, como toda a região, se constrói no limiar de muitos encontros. O encontro entre águas doces e salgadas, controladas pelo influxo das ondas e do curso do rio; o encontro entre culturas que vêm de fora, brancos e negros que através de suas portas penetram na selva amazônica, em direção às culturas indígenas que habitam seu interior, mas que também bordeiam as diversas praias, fluviais e oceânicas, mais fluviais que oceânicas.

A frágil fortificação que os portugueses ergueram em Belém nunca impediu que barcos sulcassem os rios amazônicos, para cima ou para baixo, circulando pela região. O verdadeiro impedimento do acesso durante séculos foram as condições geográficas e climáticas diferentes e desconhecidas que transformavam qualquer viagem em uma epopeia e que povoou a região de relatos de infinitos prodígios.

Assim, apesar de ter chegado a Belém do Pará, a viagem de Bernardo Gutiérrez, só termina em Salvaterra, pequena cidade da ilha de Marajó, outro entre os vários assentamentos urbanos plantados pela civilização europeia nesse emaranhado de cursos d'água, tão labiríntico quanto as palavras que os designam. O lugar dos encontros, talvez seja explicado magicamente pelos búfalos trazidos da Índia, que tão bem se adaptaram à ilha.

Em frente, pouco além da baía de Marajó, que tempos antes, em Belém era baía de Guajará, em um lugar, ao mesmo tempo certo e incerto, está o mar aberto, aquele oceano cujos limites dependem do fluxo da água, por onde chegaram, talvez pela primeira vez, os barcos de Vicente Yáñez Pinzón, espanhol como Gutiérrez, o primeiro europeu a dar notícias da existência do mundo amazônico.

Curiosamente, a viagem e seu relato terminam com o encontro das águas do rio-mar, que o viajante vinha seguindo, com as águas do mar-oceano, o lugar por onde vieram os antigos viajantes-colonizadores, o mesmo lugar de origem do narrador-jornalista. O livro também termina com o relato de outro encontro nessas praias de Salvaterra, o encontro do eu-narrador com a futura esposa. Esse dado indica que o viajante, antes errante e livre, pode ter chegado a um porto-seguro. O viajante, até então regido pela ética da aventura, tendo encontrado a esposa que lhe jura fidelidade eterna e que com ele constrói a família patriarcal, corre o risco de tornar-se sedentário, fazendo surgir, então, o colonizador.⁶ Essa possibilidade também representa o risco de fazê-lo repetir o processo histórico tradicional, o do europeu viajante que se transforma em colonizador. Para evitar essa possibilidade, ausente nos desejos do jornalista, se insurge a cada instante a voz narrativa, por meio do processo de construção do texto, tratando de subverter o relato pela introdução da ficção, manifestação do desejo.

2 A viagem da leitura / A leitura das viagens

Uma das últimas fronteiras do orbe, a região amazônica, situada em território brasileiro por contingências históricas, sempre fez parte do imaginário global, que tratou de construir uma sólida biblioteca com essas informações. Envolvido pela magia, seu território foi palco de inúmeras aventuras que buscavam localizar em seu interior misteriosos reinos habitados por seres fantásticos. Nasceu sob o signo de um mito e a fantasia sempre regeu a mente de quem ousou penetrar no emaranhado de seus rios em busca da utópica idade de ouro.

Os relatos que contam a história de sua exploração, iniciada pelos espanhóis, a quem cabia a região pelo Tratado de Tordesilhas, e de sua posterior ocupação pelos portugueses que romperam aqueles limites e foram plantando marcos ao longo de seu vasto

território, estão recheados de fantasia. É praticamente impossível separar a realidade da fantasia nesses pouco mais de cinco séculos em que foi visitada pelo homem branco, na maioria das vezes, mais em busca de riqueza fácil que de simples aventuras.

Como em muitos casos na história do ocidente, o repertório dos relatos de viagem referidos à Amazônia também acaba precedendo a própria viagem. As primeiras expedições à região, alimentadas pelos motivos arquetípicos de viagens, reais ou inventadas, que povoavam o imaginário antigo e medieval europeu, acabaram por alimentar mais expedições e mais relatos sobre elas, num ciclo, labiríntico, e praticamente infinito, que fez girar incessantemente a roda da história, com tantos descobrimentos que não são outra coisa senão o resultado de fantásticas viagens⁷.

Nesse contexto, a história que Bernardo Gutiérrez conta em seu livro inclui, em princípio, o relato de três viagens. A primeira delas é a realizada por ele em barcos da região, de Manaus a Belém, passando por cidades do baixo Amazonas, na tentativa de encontrar a tênue linha divisória entre a realidade e a fantasia, a história e o mito. Essa viagem ele a faz munido da bibliografia básica que contém o relato de uma infinidade de viajantes que, como ele, se aventuraram pela região e, com sua exploração, também tentavam, de alguma forma, captar uma realidade estranha a seus olhos e, por isso, muitas vezes pouco perceptível.

A segunda viagem realiza-se pelos livros que falam da região, referidos, resenhados ou reproduzidos ao longo do relato. No entretecer do que vê e do que lê desenvolve-se a narrativa de Gutiérrez. Mnemosine e Clio são as musas inspiradoras desse Odisseu que busca uma Penélope cujo encontro/reencontro, ocorre no último capítulo do livro. Essa esposa brasileira, embora não amazônica, que surge nas últimas páginas como mais uma musa protetora; essa Raquel encontrada na praia de Salvaterra, para “revelar como é a primeira mirada, o pestanejar inicial da inocência” (GUTIÉRREZ, 2010, p.192), não é outra senão a esposa brasileira do jornalista espanhol que assina o livro, a quem ele agradece no final. O porto final parece atingido.

Na verdade, o porto final será outro, ou seja, deve ser o próprio relato, pois para o viajante europeu de nosso livro seria difícil constatar que ele acabaria por se transformar num viajante tradicional da história europeia dos últimos cinco séculos, em busca de colonizar, ocupar militarmente, comerciar ou participar de uma missão espiritual. Em todos esses casos, há a tentativa de eliminar o outro, seja transformando-o em escravo, mercadoria, ou simplesmente negando-lhe a possibilidade de viver livre em sua própria cultura. O narrador de Gutiérrez, no entanto, pertenceria a uma categoria diferente, mais fina, embora oriundo do mesmo universo eurocêntrico. Sua descrição da terra, sua tentativa de compreendê-la seriam uma forma de tentar superar esse eurocentrismo latente, acaso um sentimento de culpa de quem vem de um país ex-colonizador.

Assim, entre a história e a memória, se tece o relato de Gutiérrez, ao longo de seis capítulos, desde a cidade de Manaus, aonde chegara de avião a partir de Belém, à qual regressa de barco, pelos quase intermináveis caminhos aquáticos da região. Conforme vai relatando os locais visitados, ele vai retomando da memória cultural da região uma grande variedade de textos, sua biblioteca básica sobre a Amazônia. Essa biblioteca que ele manejará, tanto para traçar o roteiro de sua viagem pelo emaranhado de rios locais, quanto, e principalmente, para tecer o relato dessa viagem, é uma forma de memória, baseada na intertextualidade, ou seja, uma contínua releitura e, ao mesmo tempo, reescritura dos relatos anteriores.⁸

Dessa biblioteca, Gutiérrez cita no final de seu livro uma lista de vinte e cinco títulos. No interior do relato, no entanto, aparecem muitos outros que não constam dessa Bibliografia, referidos direta ou indiretamente, juntamente com filmes, documentários, páginas da internet, verbetes de dicionários ou de enciclopédias, etc... Citar o outro é uma forma de manter a ordem do relato, evitando o caos da realidade em si e propondo uma espécie ordenada, que evita a armadilha da escrita referencial e inclui a repetição como um recurso consciente de seguir o caminho já trilhado por um viajante anterior.⁹

O viajante circula, desse modo, não apenas pelo espaço navegado entre Manaus e Salvaterra, mas também por dezenas de relatos de cronistas, romancistas e historiadores. Entre eles, uma categoria especial é formada pelas narrativas dos viajantes anteriores que consolidaram a tradição do relato de viagem pela região.

Talvez a fonte principal de Gutiérrez seja o livro de João Meireles Filho¹⁰, *Grandes expedições à Amazônia Brasileira (1500-1930)*, de 2009. Trata-se de uma espécie de catálogo da vasta biblioteca de relatos de viagens pela Amazônia, que Gutiérrez cita em sua Bibliografia e apresenta em seu prólogo como “o último grande livro amazônico que me cativou” (GUTIÉRREZ, 2010, p.13).

Resultado de uma acurada pesquisa em diversos arquivos, o livro de Meireles, ricamente ilustrado, embora não se aprofunde com relação a cada viagem/expedição, reúne uma série importante de dados sobre quarenta e duas viagens, desde as visitas de Vicente Yáñez Pinzón e Diego de Lepe, à desembocadura do rio, em princípios de 1500, até as viagens do Marechal Cândido Mariano Rondon, nas primeiras décadas do século XX. A maior parte dessas quarenta e duas viagens, todas devidamente registradas por cronistas e por isso hoje conhecidas, deu origem a um volume de narrativas que constitui a vasta biblioteca de relatos de viajantes à Amazônia¹¹. O “Prólogo” do livro de Gutiérrez cita onze dessas viagens/visitas/expedições.

A primeira é uma espécie de “descoberta oficial” da desembocadura do rio, feita pelos navegadores espanhóis, juntos ou separados, Vicente Yáñez Pinzón e Diego de Lepe,

em 1500. Referências a essa viagem aparecerão várias vezes ao longo do relato (MEIRELES FILHO, 2009, p.22-23).

O outro descobrimento do rio ocorre quando entre 1541-1542 Pedro de Orellana desce o rio desde a cordilheira dos Andes até a desembocadura. A viagem é contada pela célebre crônica do Padre Gaspar de Carvajal, que narra o episódio das mulheres guerreiras que acabam por dar nome à região (MEIRELES FILHO, 2009, p.24-27). A crônica de Carvajal é retomada várias vezes ao longo do livro de Gutiérrez e abre sua Bibliografia sobre o tema.

A presença do padre Vieira na região, entre 1653 e 1661, também é referida várias vezes, quando trata da catequese e dos indígenas (MEIRELES FILHO, 2009, p.46-49). O também jesuíta Samuel Fritz fez um caminho inverso ao de Vieira: a partir dos domínios espanhóis, desceu o rio e fundou uma missão no Solimões que acabou sendo ocupada pelos portugueses. A Fritz, exímio conhecedor da região na qual viveu cerca de quarenta anos, se deve, além de um diário, que ficou inédito até fins do século XIX, um dos mais completos mapas da região, publicado em 1691 (MEIRELES FILHO, 2009, p.52-55).

Não há dúvida de que o Marechal Cândido Mariano Rondon tem um papel relevante na exploração da região nas várias expedições levadas a cabo por ele durante mais de trinta anos. Sua atuação principal se deve, no entanto, ao reconhecimento do indígena, motivo pelo qual é reverenciado por Gutiérrez (MEIRELES FILHO, 2009, p.198-205).

As viagens de Charles Marie de la Condamine, em 1743 (MEIRELES FILHO, 2009, p.58-61); Alfred Russell Wallace (1848-1852) (MEIRELES FILHO, 2009, p.112-117); Auguste F. Briard, em 1851 (MEIRELES FILHO, 2009, p.126-133); James Orton (1867-1877) (MEIRELES FILHO, 2009, p.156-159); Karl von den Steinen (1884,1887-1888) (MEIRELES FILHO, 2009, p.171-173) e da princesa Therese Wittelsbacher da Baviera, em 1888 (MEIRELES FILHO, 2009, p.176-177), são apenas referidas.

Ao longo do livro, no entanto, aparecem referências e comentários a outros viajantes, exploradores, pesquisadores ou meramente turistas que estiveram na região e deixaram importantes relatos, que também foram elencados no livro de Meirelles.

Entre 1637 e 1639, o capitão Pedro Teixeira subiu o rio até o Equador e sua viagem foi relatada na crônica do frade espanhol Cristóbal de Acuña: trata-se da expedição que, de alguma forma, consolida o domínio português na região. O relato dessa viagem costuma ser citado entre os textos fundadores da história da região e foi um dos primeiros publicados em forma de livro, já em 1641. Gutiérrez vale-se dele várias vezes.¹²

Ainda no período colonial, já no século XVIII, o jesuíta João Daniel viveu em missões do Pará de 1751 até 1758, quando a ordem foi expulsa da colônia. Sua obra adquire importância, principalmente no que se refere à vida dos indígenas. A ela recorre Gutiérrez, via Meirelles Filho, em sua reflexão sobre o extermínio das populações nativas

(GUTIÉRREZ, 2010, p.65; MEIRELES FILHO, 2009, p.64-65). Não se pode esquecer, no entanto, que tanto os colonizadores quanto os missionários, mesmo que estes últimos tivessem um ponto de vista mais humano, na prática também realizavam a supressão do outro. Ao querer transformar o indígena em uma espécie de duplo e semelhante dos europeus, os missionários também acabavam por eliminá-lo como alteridade, incorporando-o forçosamente no universo europeu. Embora muitas vezes se empolgue com o discurso humanista dos religiosos do período colonial, no que toca à denúncia feita, principalmente pelos jesuítas, com relação ao genocídio indígena, o narrador-jornalista de nossa viagem é consciente do resultado de sua atuação. Nesse sentido, adquirem fundamental importância as reflexões sobre a atuação do religioso espanhol Pere Casaldàliga durante quase quatro décadas na região amazônica¹³. Para ele, Dom Pedro entendeu mais que ninguém que “a Amazônia tem que ser olhada nos olhos, observada como um todo, como uma soma de variedades desconhecidas” (GUTIÉRREZ, 2010, p.79). Estruturalmente esse trecho do livro serve para ilustrar como o narrador trabalha com a biblioteca cultural da Amazônia, em sua longa extensão cronológica, articulando textos do século XVII aos do século XXI.

Dois consagrados escritores brasileiros, cada qual a seu modo, registraram em sua obra a importância da região e da cultura amazônica para a cultura brasileira como um todo. O primeiro deles é Euclides da Cunha que visitou a região em 1905, em missão de demarcação de fronteiras no alto Purus. No entanto, o já famoso autor de *Os sertões* não se limitou a fazer um relato técnico de sua viagem: também escreveu importantes reflexões sobre aquela região periférica do país. Pode-se dizer que ele tenha cunhado a expressão “Inferno verde”, que ganharia fôlego na representação da Amazônia, em oposição àqueles que teimavam (e ainda teimam) em ressaltar a visão paradisíaca¹⁴.

O principal livro de Euclides sobre o tema, que tem o significativo título de *À margem da história*, aparece na Bibliografia de Gutiérrez, que neste caso não se limita às informações de Meireles Filho (MEIRELES FILHO, 2009, p.186-191). Ver a região Amazônica ora como um inferno ora como um paraíso é praticamente um lugar comum na memória cultural da região e o texto de Gutiérrez, circulando entre os dois polos, algumas vezes tentando conciliar o inconciliável, não consegue escapar do paradoxo.

O outro escritor brasileiro, cuja obra aponta significativas marcas da Amazônia, é Mário de Andrade. Sua obra-prima, *Macunaíma*, que tenta esboçar uma identidade para o brasileiro, faz o herói homônimo nascer às margens do rio Uraricoera, um dos formadores do rio Branco, afluente do rio Negro, região que o escritor não visitou quando circulou pela Amazônia, em 1927. Como turista aprendiz¹⁵, ele navegou por rios amazônicos em duas direções. Na primeira delas, Amazonas e Madeira acima até Porto Velho, completou o trajeto nos vagões da E.F. Madeira Mamoré até Guajará-Mirim, no atual Estado de

Rondônia, na fronteira com a Bolívia. Na segunda navegou pelo Amazonas-Solimões¹⁶ até a cidade de Iquitos, na Amazônia peruana.

Entretanto, a presença maior de Mário no relato de Gutiérrez deve-se ao clássico *Macunaíma*, em que a viagem aparece associada à busca da afirmação identitária. O autor chega mesmo a afirmar que a viagem de Mário pela Amazônia teria inspirado a composição da célebre rapsódia, na qual o jornalista espanhol antevê o extermínio dos indígenas brasileiros como consequência do galopante processo de industrialização/urbanização do país. As últimas linhas das aventuras do herói aparecem citadas no livro, em tradução espanhola, recopiladas do livro de Meirelles (GUTIÉRREZ, 2010, p.37; MEIRELES FILHO, 2009, p.195). No mesmo contexto, ele chega a chamar o Brasil de “país Macunaíma”, ao comentar o *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade que, segundo ele, resume de modo eficaz o processo de mestiçagem do qual surgiu a cultura brasileira: “Antropofagia, sincretismo, mistura” (GUTIÉRREZ, 2010, p.38).

Duas viagens importantes incluídas por Gutiérrez em sua narrativa, que não constam do livro de Meirelles Filho, ocorreram ainda no século XVI. Ambas marcam um desvio na tradicional historiografia da região que se constrói a partir da citação/repetição de uma série de relatos de exploradores.

A primeira delas é a catastrófica viagem do espanhol Lope de Aguirre “apelidado o Louco, o Peregrino ou o Tirano” (GUTIÉRREZ, 2010, p.165), que, tendo saído do Peru em 1559, navegou o rio em praticamente toda sua extensão e terminou seus dias no norte da Venezuela, em 1561¹⁷. A rebelião de Aguirre contra o rei Felipe II da Espanha e sua intenção de ocupar o Peru, onde estaria localizado, segundo ele, o verdadeiro *El Dorado*, acabou mergulhando sua expedição em um mar de acontecimentos sangrentos que culmina com a morte de Lope pelas autoridades espanholas. A jornada de violência de Aguirre, que leva Gutiérrez, seguindo historiadores tradicionais, a caracterizá-lo como “um dos personagens mais sinistros da conquista espanhola” (GUTIÉRREZ, 2010, p.165), fez que fosse uma das expedições mais documentadas da história da região, uma vez que o relato da expedição é tema central de mais de uma dezena de crônicas da época.¹⁸ Seu protagonista acabou inspirando uma série de obras de arte, dos dois lados do Oceano, ao longo dos tempos. O filme de Werner Herzog, *Aguirre a cólera dos deuses*, de 1972, com Klaus Kinski no papel do louco Aguirre, é o verbete de entrada do personagem no livro de Gutiérrez, que chega a incluir um fragmento da famosa carta que Aguirre escreve a seu soberano, comunicando seu desligamento do império espanhol, embora, caso raro no livro, não mencione suas fontes.¹⁹

O outro aventureiro que parece ter circulado pela região no século XVI, em 1594, este sim, pela ligação Negro-Cassiquiare-Orinoco, vindo do Caribe, foi o inglês Sir Walter Raleigh, “poeta, corsário e explorador”, cujo relato *O descobrimento da Guiana*, publicado

em 1596, Gutiérrez define como “exagerado e fantasioso”²⁰ (GUTIÉRREZ, 2010, p.56). Na verdade, como a maioria dos primeiros textos escritos sobre a região, também neste os limites entre verdade e fantasia não são muito claros, considerando a aura mítica da região, que se acreditava esconder os tesouros sem fim do *El Dorado*.

Um dos mais ilustres visitantes da região amazônica, já no século XX, pela importância que os estudos ali realizados acabam adquirindo tanto na obra de seu autor quanto nos destinos das ciências humanas do século XX, foi Claude Lévi-Strauss. O antropólogo francês, considerado um dos fundadores do estruturalismo, publicou vários trabalhos com base no material recolhido em pesquisas de campo com tribos indígenas no Mato Grosso, desenvolvido no período em que ocupou o cargo de professor da Universidade de São Paulo, entre 1935 e 1939. Em 1955, publicou o clássico *Tristes trópicos*, no qual relata suas experiências de viagem trespassadas por reflexões sobre as sociedades tropicais. No entanto, há que se considerar que, apesar da fama decorrente de suas teorias antropológicas, a visão de Lévi-Strauss, tanto da região percorrida quando de seus habitantes, é trespassada por um eurocentrismo que merece ser lido com reparos atualmente.

Embora se possa dizer, seguindo Silvano Santiago, que o antropólogo francês foi uma espécie de consciência infeliz do viajante e do colonizador europeu, uma vez que, ao mesmo tempo em que descobre e presta contas ao Ocidente da destruição do “outro”, operada em nome da conquista etnocêntrica, ele próprio dá continuidade a essa conquista. Ao poder dar conta de um saber “já morto” (o dos povos destruídos), este saber, no entanto, é de pouca valia para o país que o gerou (SANTIAGO, 1989, p.200). Apesar disso, Gutiérrez, tão crítico quando se refere a outros pensadores ou à própria situação histórica da região, tende a ler com certa benevolência a obra do pensador francês²¹, principalmente com respeito ao conceito de selvagem.

Estes são alguns exemplos dos livros que compõem a biblioteca da memória amazônica que acompanha o viajante em seu percurso pelos rios da baixa Amazônia e que, de alguma forma, acabam por direcionar não apenas o curso de sua viagem, mas também as reflexões que habitam o relato dessa viagem.

3 A viagem da escrita / O livro viagem

A biblioteca de Gutiérrez, como ele mesmo explicita ao longo de seu relato, não está formada apenas por relatos de viagem. Geralmente um relato de viagem é tecido, e esta é uma das particularidades do gênero, no limiar entre a história e a ficção, uma vez que a realidade relatada pelo viajante normalmente aparece enfocada com alto grau de subjetividade e uma dose de impressionismo decorrente do contato com o diferente e o

exótico que o mundo visitado proporciona. Ademais a estrutura narrativa é muito próxima àquela das narrativas ficcionais²².

Além dos relatos de viagem e dos ensaios historiográficos, muitos dos quais buscam nos tradicionais livros de viagem suas fontes, Gutiérrez vale-se de obras literárias, também elas muitas vezes fermentadas a partir da experiência de viajantes e exploradores. Várias são as obras literárias, de diversos gêneros, que vêm em auxílio do jornalista-viajante na construção de seu triplo relato. Desde a epígrafe, retirada de *La vorágine*, romance de 1926, do colombiano José Eustasio Rivera, uma das principais obras literárias que tratam da selva amazônica, no âmbito da língua espanhola, até *Órfãos do Eldorado*, de 2008, do escritor amazonense Milton Hatoum²³, a literatura está presente no relato, com um peso muito próximo ao dos relatos de viagem e dos livros de história.

Também neste quesito não há coincidência entre os livros que aparecem no livro e aqueles arrolados na Bibliografia. Dos vinte e cinco títulos que a compõem, dez são obras literárias, nove romances e um livro de poesia. Ao longo do relato, no entanto, há várias referências ao *Macunaíma* de Mário de Andrade, obra que não está referenciada, ou a Gabriel García Márquez, que também não consta da Bibliografia. A poesia aparece com um único exemplo, o livro *Mormaço na floresta*, de Thiago de Mello, o mais conhecido poeta amazonense. No entanto, o narrador dirá, depois de negar a possibilidade de explicar a realidade amazônica pela filosofia, que para “explicar a selva, o desconhecido, quase apenas há lugar para a poesia” de Thiago de Mello (GUTIÉRREZ, 2010, p.127).

A literatura, no entanto, tem um lugar especial, principalmente na discussão dos limites entre realidade e fantasia ou entre história e lenda que permeia o imaginário amazônico. *Macunaíma*, do paulista Mário de Andrade, e *Grande sertão: veredas*, do mineiro Guimarães Rosa, certamente dois livros basilares do século XX brasileiro, são obras que auxiliam nas reflexões sobre a escorregadia identidade brasileira.

Já o colombiano Gabriel García Márquez, cultivando daquilo que a crítica literária convencionou chamar de “realismo mágico”²⁴, principalmente por meio de seu conhecido romance *Cien años de soledad*, vem à tona quando o jornalista-viajante discute o conceito de história na cultura amazônica. “Macondo está vivo” (GUTIÉRREZ, 2010, p.117), afirma ele, referindo-se à mítica cidade onde García Márquez localiza a ação de vários de seus livros, incluindo *Cien años de soledad*. “A história é circular. A ficção se apalpa com as mãos, rebota na miragem amazônica, existe” (GUTIÉRREZ, 2010, p.118).

O rebote entre ficção e história, entre fantasia e realidade, é bastante trabalhado no texto de Gutiérrez. Ao apresentar o porto de Manaus (GUTIÉRREZ, 2010, p.22), que está visitando, em vez de limitar-se a descrever o que tem diante dos olhos, o narrador lança mão de uma citação de Milton Hatoum de *Órfãos do Eldorado*, complementada logo em seguida por outra do romance de aventuras *Manaos*, do espanhol Alberto Vázquez-

Figuroa, publicado em 1975, obra que segundo Gutiérrez representou um de seus primeiros contatos com a Amazônia (GUTIÉRREZ, 2010, p.13).

Desse modo, no entrecruzar de fios da história e da ficção, Gutiérrez tece o seu relato, definido por ele mesmo como “um livro situado a meio caminho entre a literatura de viagens e a crônica jornalística”.²⁵ Na verdade, não apenas literatura de viagem e crônica jornalística se mesclam em *Calle Amazonas*. A própria ficção se entrelaça aos dois gêneros em si, já bastante salpicados de ficção, principalmente no que se refere à estrutura.

A ficção em seu sentido mais puro também circula pelo relato, uma vez que o narrador nele insere um conto que titula como “Cinco começos para um romance”. Baseado no fato insólito para o narrador, de que no Brasil pode-se fazer uma ligação para um telefone público, ele cria esses cinco textos ficcionais, “uma possível tentativa de começo de romance ou conto” (GUTIÉRREZ, 2010, p.35; p.60-1; p.163-4 e p.181). As cinco partes do relato aparecem esparsas ao longo do livro e discutem, em um tom que beira o absurdo, a questão da proliferação dos meios de comunicação nas cidades da selva amazônica, uma das marcas da integração da região ao mundo globalizado. Num tom apocalíptico, esses relatos reproduzem o momento em que os sistemas de comunicação, baseados na informática e na telefonia, entram em colapso por motivos inexplicáveis. “O ocaso da cidade amazônica começou quando o computador central da companhia telefônica explodiu, a centenas de quilômetros de distância” (GUTIÉRREZ, 2010, p.60).

O colapso comunicativo causa, então, o caos geral, uma espécie de fim do mundo: o som agudo de todos os telefones tocando ao mesmo tempo acaba por substituir a vida no planeta. Trata-se de um final muito parecido ao de *Cien años de soledad*, de García Márquez, no qual a cidade de Macondo acaba varrida do planeta por um cataclismo em forma de tempestade. Da mesma forma que um ciclo da história se fecha para a Macondo-América Latina de García Márquez, após se decifrar o pergaminho onde estava escrita sua épica, o narrador de *Calle Amazonas* parece querer indicar que a invasão dos meios de comunicação também fechará um ciclo da história amazônica.

Não apenas por meio dessa inserção ficcional, o autor explicita esse ponto de vista. Sua verve irônica se aguça sempre que se refere à presença das novas modalidades comunicativas na região. Ele critica sem descanso a televisão que mantém as pessoas praticamente hipnotizadas. Descreve como uma família de caboclos assiste à novela das nove da Rede Globo, com olhos fixos na telinha, sem piscar; sem deixar passar nenhum detalhe dessa realidade de roupas caras, rostos pálidos e paisagens praieiras que os mantém em um estado de obnubilação (GUTIÉRREZ, 2010, p.62). Uma realidade virtual que os meios produtivos do mundo globalizado impõem ao Brasil periférico, inserindo seus habitantes num desejo coletivo que faz girar as engrenagens da economia. Ao narrador-viajante, consciente do processo, inquieta o fato de que tal engrenagem produz um grande

contingente de frustrados ao não conseguirem ter acesso a esses bens. Também o incomoda o fato de que, para se chegar a esse nível de produção, consumo e circulação de mercadorias, o frágil equilíbrio do ecossistema local possa romper-se de modo irreversível.

No mesmo tom, o narrador-viajante trata a presença da internet, apesar de que também a usa ao acessar sites para conseguir informações dos lugares por onde passa. Sua crítica mais mordaz vai destinada às redes de relacionamentos, em especial o Orkut, bastante popular no Brasil e, em consequência, também na Amazônia. Diz ele, com seu peculiar sarcasmo: “Deus chama-se Orkt. Não, o filho de Deus chama-se Orkut. O pai se chama Orkt Büyükkokten [...] o informático turco que criou a rede social para o Google. [...] É raro encontrar um adolescente sem perfil no Orkut” (GUTIÉRREZ, 2010, p.59)

Para o jornalista-viajante, o espetáculo cibernético amazônico é assustador, e sua preocupação volta-se para os “jovens urbanistas da selva que vivem dependurados na realidade virtual” (GUTIÉRREZ, 2010, p.60). No par opositor, selva-cidade, o que mais o impressiona é a integração da selva ao mundo urbano globalizado. Apesar de que toda bipolaridade, geralmente ilusória, seja sempre metafórica, o narrador-viajante não consegue escapar de seu poder. Seu relato aparece entrecortado por vários pares antagônicos, em especial cidade-selva e inferno-paraíso, este último com um forte peso na biblioteca que preserva a memória histórica e cultural da região amazônica.

Para, desse modo, em todo o relato, uma espécie de nostalgia de certo paraíso perdido, recorrente no discurso de muitos estrangeiros que ainda veem a possibilidade de se restaurar o jardim do éden, mesmo que muitas vezes a realidade possa parecer mais próxima ao inferno. Entretanto, para Gutiérrez, uma das manifestações do infernal é o mundo globalizado, vozes que parecem “vir do próprio inferno”, como aquela campanha assustadora que soa no “primeiro começo” do romance incrustado no relato (GUTIÉRREZ, 2010, p.31). Da mesma forma, será denominada como “inferno” a noite praticamente sem dormir, no barco que o leva à reserva indígena, sob o ruído elétrico, *heavy metal*, da banda alemã Scorpions (GUTIÉRREZ, 2010, p.70).

De todos os modos, o relato de Gutiérrez não difere muito do tradicional relato de viagem que simbolicamente sempre trata de refazer, como no caso de Ulisses, a viagem de retorno ao paraíso perdido. Para o homem moderno, cada viagem, pequena ou grande, é a própria Odisséia.²⁶ E, na verdade, a viagem de Ulisses não é simplesmente uma viagem ao passado. Como viagem interior simbólica, também representa o desejo de restauração de uma ordem ideal anterior, o desejo de um futuro que se garante pela memória de um passado perdido (CALVINO, 1993, p.24): uma viagem ao futuro.

Mas se o Ulisses da *Odisséia* é um fabulador, o narrador de *Calle Amazonas* também construirá suas fábulas. E o mundo de sonho e fantasia que ele coloca à sua

disposição para tecer seu relato funciona como uma espécie de espelho do mundo real, capaz de fazer o leitor suportar, pela fantasia, o pesado fardo das experiências cotidianas.

Pode-se dizer, desse modo, que a terceira viagem que o livro de Gutiérrez relata é a viagem da fabulação, a viagem da construção do texto que o leitor tem diante dos olhos, urdido pelo entrelaçar de reminiscências e vestígios, fragmentos do mundo. Reminiscências e vestígios que dependem da força da palavra, organizados que estão em forma de relato. Apesar da visão negativa que o possível colapso da comunicação assentada em imagens sem uma relação direta com a realidade, poderia trazer; a força das palavras entretecida pelos teares de uma narrativa ficcional que retoma do mito seu poder acaba apontando positivamente para o futuro.

A hibridez do texto, nesse sentido, contribui para sua eficácia. O narrador não apenas maneja com maestria a biblioteca da memória cultural amazônica e o poder da estrutura do romance, mas também combate o vazio da proliferação de imagens sem conteúdo, ao articular seu relato com uma série de significativas fotografias colhidas por sua câmera durante a viagem. São imagens que falam por si, reiterando aquilo que as palavras já tinham dito, tanto das linhas, quanto nas entrelinhas do texto.

A porosidade desse relato híbrido cria uma espécie de zona nebulosa onde, de acordo com o ajuste da lente ao olhar, pode-se ver realidade ou fantasia, verdade ou versão. E como nas lentes de um caleidoscópio, num abrir e fechar de olhos, a imagem em movimento se transmuta adquirindo novos sentidos e novos significados.

Recebido em 21/9/2011

Aprovado em 25/9/2011

NOTAS

1 GUTIÉRREZ, Bernardo. *Calle Amazonas. De Manaus a Belém por el Brasil olvidado*. Badalona: Altaïr, 2010. p. 21. Todas as citações foram traduzidas por mim.

2 A presença de Waters em Manaus para a apresentação de *Ça Ira* na abertura do XII Festival do Amazonas de Ópera, ocorrida no dia 15/04/2008, foi amplamente noticiada pela mídia. Cf “Roger Waters supervisiona sua ópera no Brasil”, na revista eletrônica Rolling Stone de 24/03/2008, em <http://www.rollingstone.com.br/secoes/novas/noticias/2080/>. Ver também a entrevista na qual o ex-líder do Pink Floyd faz a associação entre sua apresentação e o filme Fitzcarraldo, de Herzog: “Eterno baixista do Pink Floyd, Roger Waters fala sobre a ópera que ajudou a trazer ao Brasil”, na revista eletrônica Rolling Stone, edição 18 <http://www.rollingstone.com.br/edicoes/18/textos/1973/>

3 BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas*. Magia e técnica. Arte e política. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 198.

4 Fragmento de *As raízes da perdição* (São Paulo: Atual, 1991), cf. GUTIÉRREZ, 2010, p. 47.

5 Ver SANTIAGO, Silvano. Por que e para que viaja o europeu? In: *Nas malhas da letra*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 189-205.

6 Cf. SANTIAGO, 1989. p. 196-197.

7 Cf. TODOROV, Tzvetan. El viaje y su relato. In: TODOROV, Tzvetan. Las morales de la historia. Trad. María Beltran Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993. p.91-102.

8 Cf. SAMOYALT, Tiphane. A intertextualidade. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 68-89.

9 Cf. as características do relato de viagem apontadas por Christine Montalberti (apud SAMOYALT, 2008, p. 112).

10 MEIRELES FILHO, João. Grandes expedições à Amazônia Brasileira 1500-1930, São Paulo: Metalivros, 2009. 244 p. Trata-se, como o define o próprio Gutiérrez (2010, p. 13) “de uma deliciosa enciclopédia de capa dura e grande formato que contém a história de 42 expedições mais míticas da Amazônia até 1930”. Em sua bibliografia Gutiérrez cita equivocadamente o ano de publicação da obra como 2008.

11 Muitos desses textos clássicos que tratam de viagens exploratórias pela região Amazônica foram publicados no Brasil, nos anos 30 e 40, na famosa Biblioteca Brasileira da Companhia Editora Nacional. Mais recentemente, já nos anos 70, uma parceria entre a Editora da Universidade de São Paulo e a Editora Itatiaia de Belo Horizonte, seguiu publicando tais textos na Coleção Reconquistando o Brasil.

12 MEIRELES FILHO, 2009, p. 38-41; GUTIÉRREZ, 2010, p.101-103. Entre as edições em português do texto de Acuña, ver ACUÑA, Pe. Cristóbal de. *Novo descobrimento do rio Amazonas*. Edição bilingue. Edição, tradução e introdução de Antônio R. Esteves, Brasília: Montevideo: Consejería de Educación de la Embajada de España; Oltaver, 1994.

13 Cf. GUTIÉRREZ, 2010, p. 78-79.

14 Cf. ESTEVES, Antônio R. Inferno verde. In: BERND, Zilá (Org.) *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Ed. UFRGS, 2007, p.340.

15 O relato da viagem de Mário de Andrade tem o título de *O turista aprendiz* e o significativo subtítulo de “Pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega”. Cf. ANDRADE. Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas cidades, 1976.

16 O rio Amazonas em seu longo percurso recebe vários nomes. No Brasil, será Amazonas, da foz até a desembocadura do rio Negro, no Estado do Amazonas. Desse ponto para cima, até a tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, será rio Solimões. Daí para cima, já em território peruano será conhecido como Marañón.

17 Gutiérrez afirma que a expedição de Aguirre teria chegado ao Caribe por intermédio da ligação entre o rio Negro e o Orenoco, pelo Cassiquiare (p. 165). Sobre o trajeto da expedição não há consenso, embora pareça que o acesso à ilha Margarita realizou-se através da foz do Amazonas, a partir de onde alcançaram o Caribe. Cf. ESTEVES, Antônio R. *A ocupação da Amazônia*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.20-22.

18 Cf. ESTEVES, Antônio R. Lope de Aguirre e a história. *Anuario brasileiro de estudios hispánicos*. Brasília; Madrid: Embaixada da Espanha, VII, p. 167-189, 1997.

19 GUTIÉRREZ, 2010, p. 166. A carta geralmente aparece transcrita na maior parte dos livros que compõem a vasta bibliografia que trata do episódio Aguirre, que pode ser encontrada, por exemplo, em ESTEVES, 1997.

20 GUTIÉRREZ, 2010, p. 56. A aventura de Raleigh pela região aparece relatada no livro do ex-embaixador britânico no Brasil, Jonh Ure, *Invasores do Amazonas*. (Trad. Marisa Gomes, Rio de Janeiro:Record, 1986, p. 15-18), obra que não é referida nem por Gutiérrez nem por Meirelles Filho.

21 A palavra usada para definir Lévi-Straus, ao referir-se a sua concepção dos indígenas brasileiros como “selvagens”, é “benevolente”: Cf. GUTIÉRREZ, 2010, p. 94.

22 Para uma boa definição de “relato de viagem” em contraponto com “literatura de viagem”, ver CARRIZO RUEDA, Sofia M. Construcción y recepción de fragmentos de mundo. In: CARRIZO RUEDA, Sofia M (ed.) *Escrituras del viaje*. Construcción y recepción de fragmentos de mundo. Buenos Aires: Biblos, 2008. p.09-33.

23 Com relação a essa obra de Hatoum, ao que consta ainda não traduzida ao espanhol, Gutiérrez comete um equívoco: nas p. 21 e 52 refere-se a ela como *Huerfános de Eldorado*, título que equivaleria à tradução literal do original. Na p. 48, no entanto, o título aparece como *Náufragos de Eldorado*, título que também aparece na Bibliografia, com a observação de que a obra está em português (GUTIÉRREZ, 2010, p. 195).

24 Para um histórico do termo “realismo mágico”, ver ESTEVES, Antônio R.; FIGUEIREDO, Eurídice. Realismo mágico e realismo maravilhoso. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e de cultura*. Niterói; Juiz de Fora: EdUFF; Editora UFJF, 2005, p. 393-414.

25 Informação contida na página 5 do Currículo que o jornalista-escritor anexa em sua página eletrônica <http://www.bernardogutierrez.es/>. Acesso em: 30 ago. 2011.

26 Ver CALVINO, Ítalo. As Odisséias na Odisséia. In: CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica. Arte e política. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

CALVINO, Ítalo. As Odisséias na Odisséia. In: CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.17-24.

GUTIÉRREZ, Bernardo. *Calle Amazonas*. De Manaos a Belém por el Brasil olvidado. Badalona: Altaïr, 2010. 198 p.

MEIRELES FILHO, João. *Grandes expedições à Amazônia Brasileira 1500-1930*. São Paulo: Metalivros, 2009. 244 p.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? In: _____. *Nas malhas da letra*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.189-205.